

Construção de *corpora* para estudo da norma gráfica: a seleção de textos representativos em periódicos oitocentistas

Construction of corpora for the study of graphical norms:
the selection of representative texts in nineteenth-century newspapers

Recebido em 09 de outubro de 2016. | Aprovado em 08 de dezembro de 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.24206/lh.v2i2.10012>

Alexandre Xavier Lima¹

Resumo: Este artigo destaca a seleção de textos como etapa decisiva para a construção de *corpora* linguísticos. Através dos instrumentais da *Crítica Textual*, investiga-se a representatividade dos textos sob os rótulos *folhetim* e *notícias*, publicados nos periódicos *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro), *Diario de Notícias* (Lisboa) e *O Commercio do Porto*, entre os anos de 1877 e 1878. Essa representatividade faz-se sentir na relevância sócio-histórica dos diversos conteúdos apresentados. Para o expediente de qualificação dos textos, além de identificar informações extralinguísticas, investe-se no estudo gráfico para compreender a complexidade e justificar a organização dos *corpora*.

Palavras-chave: *Corpora*; Estudos gráficos; Periódico oitocentista; Notícias; Folhetim.

Abstract: This article emphasizes the selection of texts as decisive stage for the construction of linguistic *corpora*. Through the instrumental *Textual Criticism*, this work searches the representativeness of texts with label *folhetim* and *noticias*, published in the newspapers *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro), *Diario de Notícias* (Lisboa) and *O Commercio do Porto*, between the years of 1877 and 1878. This representativeness can be seen in the socio-historical relevance of several content showed. In order to understand the text's qualification, besides identifying extralinguistic information, we invest on a graphic study to know the complexity and to explain the *corpora*'s organization.

Keywords: *Corpora*; Graphic studies; Nineteenth-century newspapers; News; *Folhetim*.

¹ Doutor em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (UERJ). alexandrexl@gmail.com.

Introdução

Neste trabalho, apresentamos os *corpora* como o resultado de uma investigação criteriosa a fim de fornecer materiais confiáveis e relevantes aos estudos sócio-históricos. Por isso, a reflexão concentra-se aqui na recensão, uma das etapas da *Crítica Textual* em que se realiza, em linhas gerais, o levantamento de fontes da tradição direta e da tradição indireta, para a produção de edição crítica.

Mesmo que nem toda pesquisa tenha a intenção de elaborar edições, é possível utilizar tal expediente filológico para qualificação do *corpus*, uma vez que a *Crítica Textual*, ao reestabelecer a tradição mais antiga de textos do passado, facilita os estudos diacrônicos, pois garante um *corpus* menos comprometido com as interferências ao longo do tempo e faz emergir os fenômenos linguísticos de determinada época (CAMBRAIA, 2005, p. 33). Para Campbell (2004, p. 361), se a Filologia (ou Crítica Textual) nos ajuda a pensar em como obter tais informações, a Linguística nos ajuda a pensar no que fazer com essas informações. Dessa forma, a análise de determinado fenômeno linguístico (ou epilinguístico) pode ser instrumento para qualificação e compreensão dos textos representativos de uma dada sincronia.

A necessidade de construir *corpora* surgiu do interesse de descrever a norma gráfica praticada da Língua Portuguesa em sua fase de elaboração (LIMA, 2014). Através dessa descrição, vislumbrou-se a possibilidade de desenvolver metodologia para controle de perfis de erudição em meio à escassez de informações sobre redatores de sincronias passadas (BARBOSA; LIMA, 2016).

A identificação da década de 70 do século XIX nos discursos metalinguísticos (LIMA, 2014) norteou a escolha de textos que deveriam representar a tensão na elaboração de normas gráficas objetivas. Para esse período, consideramos essencial o trabalho com periódicos, importantes difusores da tradição escrita impressa (LIMA, 2016). Através desse veículo, podemos avaliar a coexistência de normas e a complexidade das organizações discursivas dos textos sob os rótulos *folhetim* e *notícia*.

Além de fornecer dados para os estudos no plano gráfico, disponibilizamos um conjunto de textos relevantes para trabalhos voltados à determinada sincronia pretérita. Assim, atendemos a uma das demandas do Projeto *Para uma História do Português Brasileiro*, ao propor construção de *corpora* confiáveis para estudos do português brasileiro.

1. A escolha dos periódicos

Embora seja possível estudar a norma gráfica praticada tanto no manuscrito quanto no impresso, reconhecemos que tais materiais respondem a objetivos diferentes e, às vezes, complementares. Através dos manuscritos, podemos entender como cada redator se aproxima ou se afasta de um referencial gráfico de erudição. Esse tipo de trabalho vem sendo desenvolvido por Barbosa (2009; 2013). Ao propor uma metodologia para controle de perfis, esse autor tem mensurado o uso e o acerto de grafemas etimológicos em textos manuscritos oitocentistas.

Já através dos impressos podemos estabelecer parâmetros para a comparação com manuscritos, ou seja, referenciais de erudição gráfica para que seja possível medir a aproximação de redatores de manuscritos que não tenham perfil definido historicamente. Nesta pesquisa, optamos por trabalhar com textos impressos da fase de elaboração da norma gráfica portuguesa, século XIX. Nesse período, os impressos participavam de redes de leitura mais abrangentes que a dos manuscritos, principalmente, os impressos vinculados nos periódicos. Tais periódicos faziam parte do cotidiano fluminense, uma vez que dispunham em média de 15 mil exemplares e circulavam em saraus da sociedade do Rio de Janeiro. As diversas seções nos jornais (Folhetins, Avisos, Publicações a Pedido etc.) entretinham, informavam e formavam os redatores/leitores da época.

Para a escolha de periódicos, procuramos levantar os jornais do século XIX publicados na sede da corte brasileira (Rio de Janeiro) e nas duas principais cidades portuguesas (Lisboa e Porto). A escolha por mais de uma variedade diatópica justifica-se pelo fato de o processo de elaboração da norma gráfica estar presente nos discursos tanto de portugueses quanto de brasileiros. Segundo Kemmler (SILVA, 2009, p. 53), o primeiro projeto que rompeu “com a incerteza quanto à escrita da língua portuguesa” foi a *ortografia sônica* apresentada em 1877

por José Barbosa Leão e o Parecer da Comissão do Porto (1878), em Portugal. No Brasil, sentimos explicitamente o interesse por uma uniformização através das propostas de Miguel Lemos (1888), de José Ventura Boscoli (1894) e de tantos outros ortógrafos e gramáticos que expressaram a necessidade de uniformizar o conteúdo gráfico em função do ensino. Essa discussão culmina na proposta de uma ortografia portuguesa simplificada e unificada, estabelecida por Gonçalves Viana (1904), base para as reformas dos anos de 1907 (no Brasil) e 1911 (em Portugal), e, conseqüentemente, base para os acordos interacadêmicos a partir de 1912².

Os filtros utilizados para selecionar os periódicos modelares para época consideraram a publicação diária, a destinação ao público geral e ampla difusão nas sociedades letradas de Língua Portuguesa, através de considerável tiragem. Soma-se a esses filtros a preferência por jornais que utilizavam a seção *folhetim* como recurso para atrair o grande público. O uso dessa estratégia editorial teve início na década de 30 nos jornais franceses e rapidamente chegou ao Brasil, com diferentes rótulos, até convergir no início da década de 40 do século XIX para o rótulo *folhetim* (LIMA, 2016). Nessa seção, no rodapé da primeira página (geralmente), eram vinculados textos de interesse popular (crônicas, contos, novelas, romances, poemas etc.). A presença de colaboradores diários e de textos escritos diariamente ao gosto do leitor criava um público assíduo.

Quanto à variedade brasileira, dentre os diversos jornais publicados no Rio de Janeiro nesse período, escolhemos a *Gazeta de Notícias*, pois foi publicado justamente no período das primeiras propostas de simplificação da ortografia. Há inclusive uma citação feita por Julio Ribeiro (1881, p. 33) de um artigo de Lucindo Filho, publicado em 16 de janeiro de 1877 no jornal *Gazeta de Notícias*. Ao falar sobre o uso do <h> nas formas verbais mesoclíticas, Lucindo Filho afirma que as “regras da prosodia e da orthographia da lingua portugueza ainda não estão firmadas em bases bem solidas” (LUCINDO FILHO *apud* RIBEIRO, 1881, p. 33). A *Gazeta de Notícias* em 17 de janeiro do ano seguinte publicou o parecer da comissão do Porto para o projeto de reforma ortográfica, de iniciativa de Barbosa Leão. Tal parecer foi apresentado em reunião realizada a 24 de dezembro no Theatro Lyrico e procurava fundamentar a herança histórica do sistema fonético.

Além de discutir sobre a norma gráfica subjetiva, ou seja, a norma prescrita por teóricos, projetava-se como modelo de norma objetiva, ou seja, a norma efetivamente praticada, em função de sua crescente popularidade. A tiragem aumentava a cada ano. Em 1877, era de 16 mil exemplares. No ano seguinte, passou para 17 mil e, ainda em janeiro, 18 mil exemplares.

O periódico *Gazeta de Notícias* existiu entre 02 de agosto de 1875 e setembro de 1901. Seu primeiro editor foi Manuel Carneiro. Era um jornal de publicação diária, dirigido ao público geral. Além da seção *Folhetins*, localizada no rodapé da primeira página, havia outras seções, como: *Notícias*, *Transcrição*, *Almanak*, *Avisos*, *Tribunaes*, *Publicações a pedido*, *Parte Comercial*, *Editaes*, *Declarações*, *Avisos Maritimos* e *Annuncios* (LIMA, 2010, p. 46).

Sobre a variedade europeia, a escolha do *Diario de Noticias* e *O Commercio do Porto* para compor os corpora é resultado do levantamento realizado na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa. O *Diario de Noticias* de Lisboa estava em seu 13º ano de publicação em 1877 e possuía uma tiragem de 25.500 exemplares. Os proprietários do *Diario de Noticias* eram Thomaz Quintino Antunes e Eduardo Coelho, este último também era redator do jornal.

O periódico de 4 páginas diárias era diagramado em 10 colunas. As principais seções eram *Instrução popular*, *Assumptos do dia*; *Echo dos jornaes*, *Folhetim do Diario de Noticias* e *Espetaculos de hoje*. Entre julho e setembro de 1877, o romance-folhetim publicado foi *O pacto de sangue*, de Visconde Ponson du Terrail, versão portuguesa de Marianno Fróes. O *Diario de Noticias* contou com a colaboração na seção *folhetim* de E. de Moraes Sarmiento (*Revista Militar do Estrangeiro*); Dr. Balby (*Estudos Moraes*); D. Antonio da Costa (*Os milagres da casa pia de Belem*); Julio Cesar Machado (*Crítica Teatral*); Bulhão Pato (*Scenas da India – Morte do Marechal D. Fernando Coutinho*); M. P. (*Revista commercial*); C. A. de Sousa Pimentel (*Revista agricola*); Manuel Maria Rodrigues (*Cartas do Porto – revista quinzenal*); Jayme Victor (*Michelet – poema*); Eduardo Coelho (*William Shakspeare...*); Manuel de Pina Freire (*Nos liberi sumus – histórica*); Ricardo da Motta (*O Natal do Redemptor – poema*); C. (*Muito boas entradas – poema*); e L. de A. (*Entrada de anno novo*).

Em relação aos periódicos estudados da cidade do Porto, o jornal selecionado foi *O Commercio do Porto*. Esse periódico estava no seu 24º ano de publicação. Seus proprietários eram Henrique Carlos de Miranda e Manuel Sousa Carqueja. Não há referência no jornal de quantos exemplares eram publicados diariamente. Contudo, acreditamos que sua longevidade (1854-2005) seja prova suficiente de sua repercussão e difusão no século XIX.

² Tendo em vista a quantidade de acordos elaborados entre as duas academias ao longo do século XX e a atual incerteza sobre a vigência de um novo acordo, somos inclinados a afirmar que a dinâmica de elaboração e codificação ainda está em progresso.

O periódico de 4 páginas diárias era diagramado em 6 colunas. Além de atender à população local, era lido por assinantes de Lisboa, das províncias e ilhas adjacentes, do Brasil, França, Bélgica, Itália, Inglaterra, Alemanha, Áustria-Hungria, Estados Unidos, Dinamarca, Suécia, Suíça e Holanda. As principais seções do periódico eram *Interior*, *Noticiario*, *Folhetim*, *Tribunaes*, *Communicados*, *Parte Commercial*, *Parte Marítima*, *Correio da Noute*, *Telegraphia*, *Publicações litterarias*, *Espectaculos* e *Annuncios*. Seus principais colaboradores na seção *folhetim* eram Visconde de Benalcanfor (*Cartas Lisbonenses*), Erckmann Chatrian (*Os Dous Irmãos* - versão de A. B. Antunes), Francisco José Rezende (*Bellas-Artes*), L. de Vilhena Barbosa (*Guerra no Oriente*), S. R. Ferreira (*Ruinas da Citania*), Mery (*O Castello das tres torres* - versão livre de J. N. do Cruzeiro Seixas) e J. L. P. (*Revista Semanal*).

Os *corpora* brasileiros ficaram restritos a uma região (Rio de Janeiro), em função do papel centralizador cultural e político que exercia no século XIX. Vale ressaltar que o Rio de Janeiro era a Sede da Corte, ou seja, era o centro político e cultural do país. Provavelmente, servia como modelo de costumes e normas para as demais regiões do país. Sobre essa possível influência, Nadaf (2002) demonstra que era comum a venda das placas tipográficas prontas para os jornais do interior do Brasil. Quanto aos *corpora* portugueses, constituíram-se por periódicos de duas regiões (Lisboa e Porto) em função da polarização de normas historicamente exercidas por essas duas regiões.

2. Descrição dos corpora

Procuramos descrever os *corpora* com a intenção de demonstrar a representatividade dos textos selecionados. Organizamos a descrição, considerando a tabela a seguir:

| <i>Variedade</i> | <i>Português Brasileiro</i> | <i>Português Europeu</i> |
|------------------------|---|---|
| Periódicos | <i>Gazetas de Noticias (Rio de Janeiro)</i> | <i>Diario de Noticias</i> (Lisboa) <i>O Commercio do Porto</i> (Porto) |
| Quantidade de palavras | 83 mil | 83 mil |
| Gêneros | Folhetins (crônica) notícias | Folhetins (crônica) notícias |

Tabela 1. *Corpora* da norma gráfica objetiva (1877-1878).

Apresentamos inicialmente os *corpora* brasileiros, formados por crônicas, sob o rótulo *folhetim*, e por notícias do mesmo dia de publicação das crônicas. Na sequência, temos a descrição dos *corpora* portugueses também formados por crônicas e notícias. A escolha por esses gêneros do periódico deve-se ao fato de estarem localizados na primeira página do jornal, o que lhes confere maior destaque no periódico, além de representar a oposição entre literários e não-literários. Tal oposição se justificaria pela hipotética estilização dos textos literários e ainda como possibilidade de avaliar padrões gráficos distintos dentro do mesmo jornal. Em outras palavras, a possibilidade de encontrarmos um padrão editorial e um padrão pessoal (adotado por cada colaborador). Portanto, os *corpora* da norma gráfica objetiva são formados por notícias e folhetins, vinculados à primeira página dos jornais diários, publicados no Brasil e em Portugal, nos últimos anos da década de 70 do século XIX.

2.1 – Periódico brasileiro

Folhetins da *Gazeta de Noticias*

Os *folhetins* da *Gazeta de Noticias* adotados são crônicas que descrevem de forma bem humorada os costumes da nascente burguesia em oposição à aristocracia brasileira. Esses *Folhetins*³ são assinados por Joaquim José da França Junior (1835-1890), mais conhecido como França Junior⁴. As crônicas folhetinescas de França Junior

³ Edição Crítica (LIMA, 2010).

⁴ França Junior nasceu no Rio de Janeiro em 18 de abril de 1838 e faleceu em Poços de Caldas no dia 27 de novembro de 1890. Importante teatrólogo e colaborador dos principais periódicos nas últimas décadas do séc. XIX.

são um importante testemunho da vida da nascente burguesia fluminense dos oitocentos. Não só descrevem costumes, como também servem de modelo para outros redatores/leitores que faziam parte das redes de leitura e escrita daquele período.

A localização dessas crônicas partiu da leitura de um anúncio publicado na *Gazeta de Notícias*. Neste anúncio, verificamos que alguns textos vinculados à seção *Folhetins* eram posteriormente publicados em livro. Era o caso de *As Índias Negras* por Julio Verne e *O Ventriloquo* por Xavier Montepin:

| | |
|--|--------|
| BIBLIOTHECA | |
| DA | |
| GAZETA DE NOTÍCIAS | |
| O VENTRILOQUO, por Xavier de Montépin..... | 1\$500 |
| A FIRMA SOCIAL FROMONT & RISLER, por Alphonse Daudet..... | 1\$000 |
| UMA PAIXÃO, por Xavier de Montépin..... | 1\$000 |
| AS INDIAS NEGRAS, por Julio Verne..... | 1\$000 |
| FOLHETINS, do Dr. França Junior | 2\$000 |
| MOTTA COQUEIRO OU A PENA DE MORTE, por José do Patrocínio..... | 1\$500 |

Anúncio de livros publicados pela *Gazeta de Notícias*

Chamou-nos a atenção nesse anúncio uma publicação cujo título é “FOLHETIM”, pois, além de ser a publicação mais valorizada (2\$000), é de autoria de um brasileiro. Isso forneceu-nos indícios quanto à representatividade desses textos para a época. O trabalho de levantamento no acervo geral e busca na seção de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro permitiu-nos verificar que se tratava de uma coletânea de *crônicas* publicadas semanalmente no periódico entre 1877 e 1878 e depois reunidas em *Folhetins* (1878), como podemos observar na imagem do anúncio. Antes da primeira edição em livro, em 1877, o periódico publicou os primeiros *folhetins* em formato de revista (LIMA, 2010, p. 50). Além disso, a edição em livro mereceu ainda no século XIX mais uma edição (1894); no século XX, as edições de 1915 e 1926.

O destaque para as crônicas de França Junior pode também ser observada na tradição indireta, como a notícia do dia 3 de janeiro de 1878:

Temos a satisfação de comunicar aos nossos leitores que o nosso collega Dr. França Junior, já restabelecido de sua enfermidade, recomeça os seus tão justamente apreciados folhetins. Este que hoje publicamos e que nos foi enviado de Friburgo, onde o nosso amigo foi convalescer, chegou-nos ás mãos com uma demora de vinte e quatro horas. Entendemos que era melhor publicar-o hoje, do que fazer os nossos leitores esperar ainda uma semana. (*Gazeta de Notícias*, 03/01/1878).

Nessa notícia, o jornal justifica o atraso da publicação do folhetim de França Junior em função da enfermidade a que o autor foi acometido. Se a justificativa do atraso já nos deixa supor a rede de leitores assíduos, a mudança da rotina de colaboradores semanais, com dias fixos, para que fosse possível publicar o folhetim já atrasado de França Junior, parece ratificar que tais folhetins eram “tão justamente apreciados”.

A popularidade de França Junior é tão significativa que seu nome era matéria de notícia do próprio jornal, de outros jornais e ainda referência para outros colaboradores (LIMA, 2016). Seu nome foi inclusive associado às práticas publicitárias de seu tempo, como podemos observar na “notícia” sobre sua estada em Friburgo:

Chegou hontem de Friburgo o nosso amigo Dr. França Junior. Ao vel-o rubicundo e trazendo nas faces o melhor attestado de saude, fomos informados pelo espirituoso folhetinista, que aquillo não era só devido aos bons ares de Friburgo, mas em grande parte ao bom tratamento que havia tido no Hotel Leuenroth onde esteve hospedado. [...] Em vista do exposto recommendamos aos nossos leitores o Hotel Leuenroth. (*Gazeta de Notícias*, 11/01/1878).

Além desse desprezioso relato sobre a melhora de saúde, ao longo do texto, são apresentadas as diversas qualidades do hotel que se confundem com as de seu dono. Esse lugar não só fez com que França Junior se sentisse em casa como foi principal responsável pela recuperação de saúde do folhetinista. Se o relato ainda deixa dúvidas sobre o objetivo discursivo do texto, a recomendação final encaminha a compreensão sobre o papel de

França Junior como “garoto propaganda” de um Hotel em Friburgo, a emprestar a imagem confiável, estabelecida na conversa íntima e descontraída semanalmente através de suas crônicas.

A título de ilustração, trazemos o fragmento do jornal referente à seção *Folhetim*. Nessa seção eram publicados semanalmente os textos de França Junior. Esse exemplo é o da crônica folhetinesca intitulada *Cantor de Serenatas*:

FOLHETIM DA GAZETA DE NOTÍCIAS
CANTOR DE SERENATAS

Deixem os leitores por momentos este insuportável Rio de Janeiro onde presentemente só imperam o abano, a cajuada e a política, e dêem um pulo commigo á Bahia. (LIMA, 2010, p. 146).

Embora o tema proposto nessa crônica traga como cenário a cidade de São Salvador na Bahia, o autor utiliza a perspectiva fluminense para a descrição. Como a crônica é escrita no auge do verão, as condições climáticas são “insuportáveis” no Rio de Janeiro. Não é por acaso que a descreve como a terra do “abano, cajuada e política”. Nota-se que ao lado do calor escaldante do mês de janeiro também são efervescentes as questões políticas da sede do império, o que leva o autor a explorar “climas” mais amenos, como São Salvador. Lá encontra a melhor expressão do “cantor de serenatas”, tema abordado no texto. Ao longo da crônica, o autor procura descrever esse personagem singular:

O cantor de serenatas, em geral, é um crioulo esvelto e inteligente⁵. Amigo em excesso das instituições livres, ostenta na cabeça perfeitamente traçada, a estrada da liberdade, que divide-lhe a hirsuta coma em dous morros. O chapéu mal o resguarda do sereno, cahindo-lhe sobre uma das orelhas, e deixando descoberta a outra. Traja velho paletot, calças de côr duvidosa, e assenta os pés em vetustas chinellas de couro, que já foram outr’ora botinas. (LIMA, 2010, p. 146).

Após a descrição do personagem, o autor o coloca em cena, interagindo com outros personagens. Podemos observar também a exploração da comicidade no trecho a seguir em que o cronista afirma que o cantor de serenatas, capadocio por natureza, tem manias de ouvir a conversa de pessoas ilustradas e reproduzir em suas conversas, mesmo “fora de villa e termo”:

- Ora viva, Senhor Manduca. Como tem passado ?
- Como está vendo, com este arsenal no braço, e por um triz que não fui parar á mansão dos mortos.
- O que foi isto ?
- Uma quéda.
- Homens como o senhor, não cahem !
- Pois cahi.
- Mas como ?
- Vinha andando pela ladeira da Misericordia, não reparei em uma casca de banana infallível que uma criança alli atirara ... escorreguei e cahi *ipsis verbis*. (LIMA, 2010, p. 148).

A descrição da queda em função de uma casca de banana já seria cômica por si mesma. O autor ressalta ainda o uso de *ipsis verbis*, próprio da linguagem jurídica para a reprodução fiel de texto escrito, “com as próprias palavras”. No entanto, o personagem utiliza a expressão para afirmar que caiu “literalmente”. Ao que parece, o cronista apresenta um caso de extensão de sentido, ou seja, a expressão latina utilizada apenas em um contexto específico de reprodução literal de texto passa também a indicar, no uso coloquial, a reprodução fiel dos fatos narrados sem que haja a menção de texto escrito.

É frequente a esquiva de temas relacionados à política ou às questões sociais, porém o autor sempre deixa transparecer os problemas que afetavam a sociedade oitocentista. Nessa crônica, por exemplo, temos a *Guerra do Paraguai*:

⁵ Procuramos restabelecer os textos de França Junior, com o aparato crítico, conservando ao máximo as realizações do testemunho mais antigo, inclusive, em termos gráficos, como é possível observar na grafia da palavra <inteligente>.

De lá [Bahia] têm sahido os nossos oradores, Poetas , estadistas e os guerreiros, que com tanto denodo portaram-se ultimamente nos campos do Paraguay. (LIMA, 2010, p. 148).

A referência à Guerra do Paraguai também aparece na crônica *Pretendentes* (LIMA, 2010, p. 67). Nessa crônica, um personagem “pretende” arranjar emprego público para o sobrinho, merecedor da vaga, pois, apesar de não ir à guerra, arranjará voluntários.

Sobre política, encontramos várias esquivas. No folhetim *A Republica*, França Junior inicia o texto com a voz do leitor, não só reconhecendo que já tratara de política no folhetim *Organizações ministeriaes*, mas também vê com maus olhos a discussão dessa estrutura política que já possuía adeptos na época:

Ora esta !! Pois este homem, que era tão inoffensivo, que fazia-nos rir sem irritar-nos os nervos, não está deitando as manguinhas de fóra !! O que vem fazer aqui republica ?! Com pés de lã entrou no maldito terreno da politica, tractando das organizações ministeriaes. Hoje pretendem convencer-nos talvez que a palavra que ahi esta em cima, traduz a futura felicidade do Brasil. (LIMA, 2010, p. 117).

Depois de fisgar a atenção do leitor com um assunto polêmico e se alinhar ao pensamento conservador de seus leitores, o cronista desfaz a ambiguidade explicando o tema, república de estudante:

Tranquillisai-vos. A palavra – republica - ? Meu caro amigo, não ha só uma Maria na feira. Tranquillisai-vos . A palavra republica não indica unicamente – bota a baixo – e a anarchia, segundo uns, ou o governo que mais se harmonisa com a dignidade e a razão de homens segundo outros. Sob aquella denominação comprehenda-se tambem - a casa do estudante. (LIMA, 2010, p. 117).

Por fim, destacamos outro aspecto recorrente nas crônicas de França Junior. Trata-se dos comportamentos das camadas sociais. O autor procura descrever costumes, como o casamento, a visita, o enterro, o namoro, as festas, os passeios nos diversos grupos sociais. Podemos observar a presença de camadas sociais no folhetim *Bailes*. Segundo França Junior, os bailes oferecem três tipos de classes. A primeira classe seria a formada pela aristocracia:

N'essas reuniões, onde domina a nata da sociedade, não se dá um passo sem consultar o código da etiqueta e o último decreto do bom gosto. As moças andam inclinadas para diante, compellidas a tomar tão incommoda posição pelos saltos do sapatinho a Luiz XV. Os homens vergam-se para traz, para que o *plastron* da alva camisa se ostente em toda a plenitude, á semelhança do papo de um peru recheado, antes de ir ao fogo. (LIMA, 2010, p. 26).

O autor apresenta os tipos e os costumes que integram o baile da alta sociedade, destacando o desconforto vivenciado pelas mulheres para estar na moda e a pose cômica dos homens que lembra o papo de um peru recheado. A seguir apresenta o baile da segunda classe, provavelmente a burguesa:

Passemos aos bailes de 2ª classe. Figurem os leitores um sobrado com janellas de peitoril, na Prainha, Wallongo, rua do Livramento ou em qualquer ponto da Cidade Nova[...] Allí não ha ceremonias, nem etiquetas. Para assistir áquella festa, não recebemos, com oito dias de antecedencia, pomposo convite em papel *doré sur tranche*, nem se nos impôz a casaca. (LIMA, 2010, p. 26).

Como observamos, o local onde ocorre o baile não é glamoroso. Pelo contrário, trata-se de um lugar comum adaptado para receber convidados. Predomina nesses bailes a informalidade. Nessa classe de baile, o convite se estende a amigos e não há muita preocupação com as vestimentas. Nos bailes da terceira classe, a informalidade é ainda mais intensa:

não reúnem a flor da sociedade, mas sim a flor da gente, que é a flor da política. Têm por teatro uma casa terrea, de rotula e janella, em cujos peitoris ha sempre uma fila de expectadores, que approvam e reprovam, commentam e ampliam o que vêm lá por dentro ; sendo necessario muitas vezes a intervenção policial para impedir conflicts. (LIMA, 2010, p. 26).

Segundo o cronista, essas reuniões representariam os bailes das camadas mais populares da sociedade. Nesses bailes “não se fala ; grita-se. Não se ceia ; come-se. Não se bebe ; rega-se”. Como não há distinção entre os convidados, seria um “ideal da igualdade sonhado por Platão”.

Assim, temos exemplos de como França Junior costuma pintar a sociedade fluminense do século XIX. Para o autor, os diversos tipos, pertencentes a diversos grupos sociais, atuam no grande palco que é geralmente a “mui leal e heroica cidade do Rio de Janeiro”.

Os *folhetins* que serviram de base para os *corpora* da norma gráfica objetiva da variedade brasileira foram os títulos listados a seguir:

| <i>Título</i> | <i>Data de publicação</i> |
|---------------------------|---------------------------|
| Dilettanti | 29/07/1877 |
| A Rua do Ouvidor | 15/08/1877 ⁶ |
| Massantes | 22/08/1877 |
| Bailes | 29/08/1877 |
| Jantares | 05/09/1877 |
| Enterros | 12/09/1877 |
| O Namoro | 19/09/1877 |
| Visitas | 26/09/1877 |
| Luminarias | 03/10/1877 |
| Mudanças | 10/10/1877 |
| Pretendentes | 17/10/1877 |
| Crianças | 24/10/1877 |
| Encommendas | 31/10/1877 |
| Bonds | 07/11/1877 |
| Vizinhos | 14/11/1877 |
| Casamentos | 21/11/1877 |
| Feijoadas | 28/11/1877 |
| Friburgo e Petropolis | 03/01/1878 |
| A Missa do gallo | 09/01/1878 |
| Organizações Ministeriaes | 16/01/1878 |
| A Republica | 23/01/1878 |
| O Cantor de Serenatas | 30/01/1878 |
| Os Recitativos | 06/02/1878 |

Tabela 2. Crônicas de França Jr.

⁶ Na *Gazeta de Noticias* tem como título *O Rio de Janeiro e a Rua do Ouvidor*.

Notícias da Gazeta

A contraparte não-literária dos *corpora* brasileiros é formada por notícias publicadas nos mesmos dias dos *folhetins*. As notícias dividem-se em duas seções complementares da primeira página do jornal: *Noticias e Occorencias da Rua*. A primeira seção relata os trabalhos na Câmara Municipal, o expediente na *Santa Casa de Misericórdia*, as saídas de vapores, os principais acontecimentos de jornais de outras cidades e de outros países e sobre a morte e enterro de personalidades do Rio de Janeiro. Podemos ver a seguir um exemplo de notícia, com informação local:

O Dr. juiz de direito do 8º districto criminal, condemnou a 3 mezes de casa de correção, por quebra de termo de bem viver, Manuel Francisco Leite e João Francisco dos Santos em processos organizados pelo subdelegado da Candelaria. (*Gazeta de Noticias*, 02/01/1878).

Boa parte das notícias segue o exemplo acima. Nota-se que são narrativas curtas em que se evidencia o agente (Dr. Juiz de direito), os pacientes (Manuel Francisco Leite e João Francisco dos Santos), a ação (condenação) e a causa (quebra de termo de bem viver). Subentende-se ainda o tempo (dia anterior à publicação) e o lugar (Rio de Janeiro). Pelo fato de ser uma notícia curta, os detalhes de como os eventos levaram a condenação são omitidos.

As notícias internacionais seguem geralmente o mesmo paradigma: narrativa curta, presença de agente, paciente (tema), ação (evento) e causa. No entanto, tal organização adapta-se ao evento narrado. O caso a seguir não possui um agente determinado para a principal ação narrada:

Mallogrou-se uma tentativa para assassinar com dynamite o principe do Montenegro, que felizmente se tinha afastado da sua habitação. Ficaram feridos gravemente varios guardas de honra. Ignora-se quem foi o autor da tentativa. (*Gazeta de Noticias* 02/01/1878).

Apenas há um caso de sujeito coincidindo com o papel temático de agente. Isso ocorre na sentença adjetiva *que felizmente se tinha afastado da sua habitação* (referente do pronome relativo *que*: o príncipe de Montenegro). Pelo tempo verbal (pretérito mais que perfeito), sabemos que é um evento anterior ao atentado, tema da notícia. Nos demais casos, temos o deslocamento do sujeito para a posição de objeto, assumindo o papel de tema das sentenças. Assim, temos *uma tentativa para assassinar com dynamite o príncipe do Montenegro* (sujeito do verbo *malograr*), *vários guardas de honra* (sujeito do verbo *ficar*) e *quem foi o autor da tentativa* (sujeito do verbo *ignorar*). Nessa última sentença, a estrutura de voz passiva sintética naturalmente já omitiria o agente. A informação presente no sujeito oracional reforça o desconhecimento do responsável pelo atentado.

Na seção *Occorencias da Rua* são relatados, de forma irônica e cômica, os crimes praticados nas ruas do Rio de Janeiro:

OCCORRENCIAS DA RUA

Parece que Sergio Pereira de Sant'Anna leu o relatorio do Dr. chefe de policia na parte em que aquelle magistrado se queixa da falta de empregados de policia, por isso querendo attenuar-a fez-se passar por policia e quiz ter o gostinho de prender a um tal Sr. João Bengnela. O resultado de tanto zelo foi ir ver nascer a aurora de 78 no xadrez! (*Gazeta de Noticias*, 02/01/1878).

Nesse exemplo, o redator cria um evento fictício (leitura do relatório), a partir de um evento real (a existência de um relatório sobre a falta de empregados de polícia). A afirmação inicial introduzida pela expressão de incerteza “Parece que” configura-se como justificativa irônica para a ação criminosa de Sergio Pereira de Sant’Ana. Assim, o fato principal dessa notícia é a prisão, evento colocado como consequência de se passar por polícia, uma vez que não havia contingente policial suficiente. Observa-se a presença de ironia na suposição do conhecimento do problema policial (Parece que... leu o relatório), na intenção sobre o conhecimento (querer atenuar o problema) na ação (ter o gostinho de prender) e no resultado da ação (o resultado de tanto zelo foi ir ver nascer a aurora de 78 no xadrez).

Cabe destacar que tanto os folhetins quanto as notícias, ao descrever a sociedade fluminense, deixam transparecer os pensamentos da época a respeito da divisão de classes, da crise política, da criminalidade das ruas

e dos conflitos internacionais. No afã de informar e entreter os leitores, ao lado de outros periódicos, a *Gazeta de Notícias* forneceu modelos escritos para época.

2.2 – Periódicos portugueses

Procuramos manter os mesmos critérios de levantamento com os periódicos portugueses. Contudo, formamos os *corpora* portugueses com dois periódicos, representando duas importantes cidades, Lisboa e Porto. Localizamos e transcrevemos *folhetins* (crônicas) e *notícias*, vinculados na primeira página, dos periódicos *Diário de Notícias* de Lisboa e *O Commercio do Porto* do segundo semestre de 1877.

2.2.1 – *Diário de Notícias*

Folhetins do *Diário de Notícias*

Selecionamos os *folhetins* de Julio Cesar Machado (1835-1890), publicados todas as quintas-feiras na primeira página do jornal lisboeta *Diário de Notícias*⁷. Machado era poeta, romancista, teatrólogo, tradutor de peças, contista, folhetinista, revisor e redator. Como folhetinista, colaborou em vários periódicos, dentre eles, a *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro). Seus folhetins versavam principalmente sobre o teatro português. Procurava ajustar ao grande público do *Diário de Notícias* a crítica teatral. Nesses ajustes deixa transparecer as questões da sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX. Temos um exemplo na crônica publicada no dia 12 de julho de 1877, em que o autor comenta sobre a abertura do Theatro Apollo e sobre suas qualidades acústicas:

E' acustico. Primeiro que tudo deve sempre dizer-se isto de todo o theatro que seja novo. E' acustico! (*Diário de Notícias*, 12/07/1877).

Inicia sua crítica a partir daquilo que esperam que um crítico diga sobre a inauguração de um novo teatro: a qualidade da acústica. Do senso comum, faz as possíveis ponderações. É o que observamos, no fragmento abaixo, quando relativiza a qualidade da acústica:

Não quero dizer que tenha tanto echo como o campo de [Seteais] (*Diário de Notícias*, 12/07/1877).

Para ponderar ou ilustrar suas afirmações, utiliza diálogos das peças que analisa, ou dos hipotéticos expectadores:

são interrompidos os artistas com perguntas dos espectadores, que não perceberam bem; diz o barbas:
- D. Affonso Henriques...
E, no auditório:
- Se não fosse o quê? (*Diário de Notícias*, 12/07/1877).

Nesse trecho, para ilustrar os problemas de um teatro cuja acústica não é boa, o autor representa a fala de um personagem (*o barbas*) e o que um expectador da plateia teria escutado.

Ao analisar os motivos que levam o povo ao teatro, o folhetinista alerta que os hábitos portugueses, sobretudo das mulheres, 30 anos antes eram outros. Segundo o autor, elas pouco saíam e quando saíam procuravam ser discretas. Contudo, as mulheres passaram a participar das “rodas de conhecimento” e teriam procurado atrair a todos com elegância. A manutenção dessa elegância desencadeou tanto aos homens quanto às mulheres o hábito pelo endividamento.

Assim, o autor lembra que são novos tempos. Até mesmo o “encostador”, o boêmio que vivia à custa dos amigos, precisou adaptar-se:

Essa bohemia apagou-se. A respeitabilidade invadiu tudo; hoje até os encostadores são respeitáveis: fazem politica; encostam os cofres do estado. (*Diário de Notícias*, 12/07/1877).

⁷ Julio Cesar Machado colaborou nesse periódico entre 1871 e 1889.

De maneira geral, Machado observa que os lisboenses receberam bem o teatro, tendo em vista as lotações. Justifica tal interesse, afirmando que “Lisboa tem d'estas febres da folia, desde que faz gala de ir mostrar-se, para ser vista e para constar”. Nota-se que a preocupação dos lisboenses, segundo o cronista, não seria apreciar a arte teatral, mas a oportunidade de se fazer apreciar pela sociedade. Por isso, acredita que “O theatro Apollo terá fortuna enquanto for moda”. Quanto ao papel de vitrine social que o teatro assume, mais adiante, afirma que:

A concorrência ao theatro Apollo não quer dizer que o theatro seja bom nem mau, significa que é o unico divertimento de verão que tem Lisboa, um ponto de reunião todas as noites. (*Diario de Noticias*, 12/07/1877).

A respeito do espetáculo, Machado procura descrever as apresentações e avaliar o desempenho dos artistas:

compunha-se da Batalha de Inkerman, de um bailado, e das Amazonas de Tormes. Essas Amazonas são, nem mais nem menos, certa Batalha de Montereau, que fez outr'ora as delicias dos frequentadores do theatro de D. Fernando e que foi a estreia clamorosa de ovações de Anna Cardoso. Onde vae isso! Mendes Leal arranhou a peça, Duarte de Sá ensaiou-a, Anna Cardoso fez-se notar pela graça vivaz e extravagante, pela esperteza, pela malicia, pelo desembaraço picante e audaz; e até a voz d'ella, rouca e vellada, agradou como uma excentricidade, um [chic] especial e revolucionario! (*Diario de Noticias*, 12/07/1877).

O autor conclui seu folhetim, reconhecendo as dificuldades da profissão abraçada por esses artistas que resistem às intempéries lisboenses:

têm dado provas, pobres musas, coitadas, de serem capazes de resistir a tudo, com o resistirem até a indiferença dos portuguezes para com elles; mas que as vozes dos artistas do theatro Appollo se aguentem com galhardia por entre as nortadas do verão lisboense, é o que será para admirar, apesar mesmo... do theatro ser acustico! (*Diario de Noticias*, 12/07/1877).

Concluimos a apresentação dos folhetins de Machado, elencando os textos selecionados para a formação dos corpora:

| <i>Título</i> | <i>Período</i> |
|--|----------------|
| Theatro Apollo | 12/07/1877 |
| Qual? | 26/07/1877 |
| Os recreios Whittoyne – Morte do Visconde de Valle de Gama | 09/08/1877 |
| Diogo Alves | 23/08/1877 |
| A Sardinha | 06/09/1877 |
| Alexandre Herculano | 20/09/1877 |
| A cidade Phantastica | 18/10/1877 |
| S. Carlos | 1º/11/1877 |
| Salitre | 15/11/1877 |
| Casas, criados e agiotas | 29/11/1877 |
| Rheumatismo | 13/12/1877 |
| Vária | 27/12/1877 |

| | |
|---|------------|
| Os Elephantes | 10/01/1878 |
| O marquez dr. Castello Melhor | 25/01/1878 |
| Um ensaio da Aida | 07/02/1878 |
| Á espera... | 21/02/1878 |
| Bichos | 07/03/1878 |
| S. Carlos | 21/03/1878 |
| O Terceiro acto de Romeu e Julieta | 04/04/1878 |
| São Carlos - Companhia franceza de opera-comica | 20/04/1878 |
| Recreios Whittoyne - Leona | 02/05/1878 |
| Os Marroquinos | 16/05/1878 |
| As Corridas | 30/05/1878 |
| O Peixoto dos annuncios | 13/06/1878 |
| Italia | 27/06/1878 |
| Recreios Whittoyne | 11/07/1878 |
| As nozes e o Campo Grande | 25/07/1878 |
| Teixeira de Vasconcellos | 08/08/1878 |

Tabela 3. Folhetins portugueses levantados de Julio Cesar Machado.

Notícias do *Diario de Noticias*

Da mesma forma realizada para os *corpora* brasileiros, transcrevemos também a contraparte não-literária (notícias). Procuramos levantar notícias publicadas na mesma página do folhetim e com a mesma proporção de palavras. Temos a seguir um exemplo de notícias publicado no *Diario de Noticias*:

Está sendo instaurado em juizo processo contra dois individuos que ha dias foram presos por terem retido tres dias em carcere privado uma mulher, que mora no Valle de Santo Antonio, inculcando-se um d'elles agente de policia, isto para lhe apanharem uns objectos de ouro, o que chegaram a conseguir. (*Diario de Noticias*, 12/07/1877)

Predominam notícias curtas na primeira página do periódico. São em sua maioria formadas por um período, como no exemplo acima. Na sentença principal, temos a apresentação do tema (instauração de processo contra dois indivíduos), acrescentam-se a essa sentença orações adjetivas, para especificar os personagens envolvidos; e adverbiais, para indicar as causas e a finalidade dos eventos a eles atribuídos. Nota-se que nos dois lados do Atlântico a atividade criminosa de se passar por policial em benefício próprio merecia a atenção da imprensa. Contudo, os nomes dos envolvidos, prática já observada tanto nas *Noticias* quanto nas *Occorrencias da rua da Gazeta de Noticias*, não são discriminados, pelo menos nesse exemplo. Embora o assunto seja muito semelhante ao exemplo das *Occorrencias da rua*, a organização das sentenças assemelha-se às *Noticias da Gazeta*. Nas *Occorrencias da rua*, o tema da notícia aparece apenas no final, sendo precedida de justificativas sobre o ocorrido. Na notícia portuguesa, primeiro temos o principal evento, seguido das circunstâncias que o ocasionaram.

2.2.2 – O Commercio do Porto

Folhetins de O Commercio do Porto

Escolhemos os *folhetins* do Visconde de Benalcanfor, título de nobreza de Ricardo Augusto Pereira Guimarães (1830-1889), nascido no Porto, mas residente em Lisboa. Dessa cidade é que escreve as *Cartas Lisbonenses*. A escolha por esse autor justifica-se pelo fato de comentar em seus textos sobre os principais acontecimentos e personagens de seu tempo. Além disso, trabalhava como correspondente de *O Commercio do Porto* em Lisboa. Por transitar entre as duas cidades, o estudo de seus textos pode assinalar as diferenças ou as conformações de normas entre essas regiões portuguesas. Nota-se, como característica estrutural de seus textos, a numeração de suas *Cartas* logo abaixo do rótulo da seção e a apresentação de um sumário no início de cada folhetim, destacando, dessa forma, os temas abordados naquele dia.

No folhetim sob o título *Carta XXX*, temos um dos gêneros mais recorrentes de sua obra, a crônica de viagem. Por esse gênero, descreve a viagem realizada à cidade do Porto, onde constata o esplendor do progresso. Embora afirme que se encontra em “regiões serênas”, marcadas por “chistes inocentes” e “jovialidades inofensivas”, reconhece que “o folhetim também se annuvia às vezes e despede o raio, trovejando”.

A crônica de viagem de Benalcanfor tem como motivação o abandono ao “commercio continuado das letras”, ou seja, a fuga da rotina através da realização de uma paixão:

Para combater estas disposições biliosas, que o commercio continuado das letras póde exacerbar, não conhecemos remedio mais efficaz do que abandonal-as e trahil-as alguns dias por uma amante, a mais perfida e feiticeira de quantas reza a <<Arte de amar>>, de Ovidio. Essa amante, cujos braços têm o vigor das robustas serpentes, enlaçando-nos de um modo invencivel, é a viagem. É o que acabamos de fazer. (*O Commercio do Porto*, 1ª/07/1877).

A figura da amante é a metáfora utilizada para descrever a atração da viagem “cujos braços têm o vigor das robustas serpentes”. Com esse olhar romântico tece suas reflexões sobre os lugares por onde passa. Assim ocorre, por exemplo, quando escreve a respeito de Foz do Douro:

Quer sejam reminiscencias da mocidade, quer influencias mysteriosas, exercidas sobre a minha organização por aquelle mar irrequieto, magestoso na sua amplidão, tão frequentemente [tragico] nas suas cóleras, o certo é que a Foz tem para mim seducções indiziveis. (*O Commercio do Porto*, 1ª/07/1877).

Nesse fragmento, deixa transparecer que seu julgamento sobre o lugar é marcado pela memória dos tempos da juventude e pela subjetividade, a que alude o poder misterioso e indizível. O autor ainda é mais efusivo ao se referir a sua terra natal (Porto):

E bem dito sejas, meu Deus, que permittes ao natural de uma nobre terra contemplar-lhe as grandezas, celebrar-lhe os seus admiraveis progressos (*O Commercio do Porto*, 1ª/07/1877).

Quando se refere à terra natal, utiliza um tom oracional. Por meio dessa prece, deseja contemplar e celebrar as grandezas de sua terra. Reconhece ainda que seu caráter incorruptível é fruto daquela terra a que é devoto e deseja a continuidade do progresso em todas as áreas. Inclusive, o autor destaca a presença da estrada de ferro nesse cenário irreversível de progresso:

Um caminho de ferro é sempre uma vibração da grande familia humana, cujo estremecimento sentem necessariamente os lugares, as povoações, as cidades, os reinos que elle atravessa [...] Sob este aspecto saudamos, pois, a obra agigantada que nos rochedos do Douro está proclamando a um tempo as conquistas maravilhosas da sciencia e a transformação completa, pela qual passando as sociedades contemporaneas, sob o influxo d'essas forças irresistiveis e omnipotentes que se chamam o vapor e a electricidade! (*O Commercio do Porto*, 1ª/07/1877).

O autor não escreve apenas sobre lugares. Também escreve sobre política, problemas da sociedade, personalidades públicas, teatro etc. Mesmo quando o tema suscita uma crítica negativa, o autor sobreleva os aspectos positivos da sociedade. Na carta XXXI, demonstra insatisfação com a política de Lisboa:

Nós, que temos tristemente a philosophia experimental dos annos, não nos enganamos quando das más camaras municipaes, que Lisboa tem eleito, inferimos a ruindade dos eleitores. (*O Commercio do Porto*, 10/07/1877).

Benalcanfor afirma que os políticos eleitos da câmara municipal de baixa qualidade é resultado da "ruindade dos eleitores" que os elegem. Para compensar a dura crítica, o autor distingue entre as "hordas de analphabetos" um homem esclarecido, Pinheiro Chagas:

o author da <<Historia de Portugal>>, de <<Magdalena>>, e de tantos outros livros, em que gravou o cunho das suas poderozas faculdades do escriptor, de romancista, de dramaturgo, de historiador, de critico e de jornalista, teve um exito - mais do que caloroso - enthusiastico, na sua conferencia sobre os descobrimentos portuguezes. (*O Commercio do Porto*, 10/07/1877).

Assim como Julio Cesar Machado, também escreve sobre o Theatro Apollo. Benalcanfor compara o novo teatro às características do deus mitológico a quem empresta o nome:

O que sabemos de certo é que o novo theatro, sob a invocação de Apollo, tem, como aquelle deus, uma inspiração constante: a inspiração do chiste, da pilheria e da alegria! (*O Commercio do Porto*, 10/07/1877).

São características, segundo o autor, importantes para a vida dessa cidade (Lisboa) "tão calmosa":

Voltando ao theatro de Apollo, diremos que Lisboa carecia ha muito d'este spectaculo. Uma cidade tão calmosa como a nossa, tão proxima de Hespanha pela geographia, sentindo ás vezes no Atterro o calido sul, que chega coado pelos queimores do deserto lybico (*O Commercio do Porto*, 10/07/1877).

Sob esse aspecto, é mais otimista que Machado, pois considera que o teatro pode, através do chiste, da pilheria e da alegria, retirar da cidade o clima social, ao mesmo tempo tão gélido e tão desértico.

A seguir, podemos ver as datas de publicação dos folhetins do Visconde de Benalcanfor:

| <i>Título</i> | <i>Data de publicação</i> |
|--------------------|---------------------------|
| | 1/07/77 |
| | 10/07/77 |
| | 15/08/77 |
| | 19/08/77 |
| | 26/08/77 |
| Cartas Lisbonenses | 18/09/77 |
| | 4/11/77 |
| | 11/11/77 |
| | 18/11/77 |
| | 02/12/77 |
| | 16/12/77 |

| Título | Data de publicação |
|--------------------|--------------------|
| Cartas Lisbonenses | 30/12/77 |
| | 06/01/78 |
| | 13/01/78 |
| | 20/01/78 |
| | 27/01/78 |
| | 04/02/78 |
| | 13/02/78 |
| | 17/02/78 |
| | 28/02/78 |
| | 10/03/78 |
| | 24/03/78 |
| | 07/04/78 |
| | 05/05/78 |

Tabela 4. Folhetins do Visconde de Benalcanfor levantados do periódico do Porto.

As *Cartas Lisbonenses* de Visconde de Benalcanfor, embora não estivessem rotuladas por *Folhetim*, eram publicadas sempre no rodapé da primeira página, todas as terças-feiras e domingos.

Notícias de *O Commercio do Porto*

Da mesma forma como fizemos com os textos da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro e *Diario de Noticias* de Lisboa, transcrevemos as notícias de *O Commercio do Porto* em mesma proporção que os folhetins. O fragmento abaixo ilustra uma notícia publicada na primeira página desse periódico:

PORTO 1 DE JULHO

Questão do Oriente

As noticias recebidas do theatro da guerra na Europa indicam que não é na Jobrondja, mas no proprio centro do quadrilateo, que se dão n'este momento ou se darão combates decisivos. (*O Commercio do Porto*, 1^o/07/1877).

Diferentemente dos outros jornais estudados, as notícias publicadas nesse periódico são longas. Embora as tenhamos sob o rótulo *notícias*, são na verdade correspondências de colaboradores sobre acontecimentos locais ou de outras cidades, como Lisboa e Madrid; e relatórios sobre guerra, política e economia. No fragmento acima, temos informações a respeito da guerra do oriente⁸. Ao longo dessa notícia, o redator queixa-se das contradições a respeito das informações fornecidas. Por isso, retifica a localização do conflito logo no início do texto.

Reproduzimos também um trecho de notícia referente à conclusão da obra da estrada de ferro que ligaria Porto a Lisboa:

Inauguração a 5.^a secção do caminho de ferro do Porto a Lisboa. Estão finalmente ligadas entre si as duas primeiras cidades do reino por uma via de communicacão accelerada. Já não ha lugar para as hesitações e para as duvidas. Diante d'estas obras rapidamente feitas já não temos que receiar novos adiamentos. (*O Commercio do Porto*, 04/11/1877).

⁸ Guerra Russo-turca (1877-1878), consequência da crise econômica do império Otomano que sobretaxou a população, gerando revolta das províncias balcânicas cristãs.

Como podemos observar, o mesmo assunto apresentado na crônica do Visconde de Benalcanfor volta a aparecer. Neste caso, em forma de notícia. No primeiro período, já é mencionado o fato (inauguração do caminho de ferro), na sequência, temos a vantagem dessa via (comunicação acelerada), ou seja, uma via expressa ligando duas cidades importantes do país. A seguir, deixa transparecer “as dúvidas” sobre a conclusão que a obra teria suscitado em virtude dos adiamentos. Assim, enquanto a crônica destaca os lugares por onde a estrada de ferro percorre e os progressos inevitáveis dessa via acelerada, na notícia destaca-se a inauguração da obra e o fim das dúvidas sobre conclusão desse empreendimento.

Por fim, vale dizer que o resultado da construção de *corpora* pressupõe uma série de decisões metodológicas, como organização do tempo de pesquisa, escolha de material e acervo, elaboração de critérios para busca e seleção de textos, definição de normas de transcrição e/ou edição etc. Esse investimento metodológico potencializa a descrição de fenômenos linguísticos, tendo em vista o valor histórico que agrega à reflexão.

3. Encaminhamentos: amostra da aplicação dos corpora

Se a descrição sublinha o valor histórico dos *corpora* para determinado estudo linguístico, este mesmo estudo, no nosso caso, as normas gráficas, também pode elucidar as singularidades de cada texto a fim de precisar o potencial de cada material e, portanto, sua pertinência para a composição dos *corpora*, isto é, não se trata apenas de reconhecer e descrever informações extralinguísticas que credenciem a seleção e a divisão de textos para os *corpora*, mas de ratificar linguisticamente a relevância de cada texto para a compreensão da língua e suas normas em dada sincronia.

Procuramos compreender, no plano gráfico, a complexidade dos textos que formam os *corpora*. Para essa breve amostra, tomamos como objeto de investigação a inserção de grafemas etimológicos⁹ nas seções *folhetim* e *noticias* do periódico *Gazeta de Notícias* (LIMA, 2014, p. 289). Dentre as diversas estratégias para descrever a grafia dos oitocentos, destacamos a inserção de um grafema etimológico produtivo em palavras de ambas as seções (*geminada* <ll>). Utilizamos para isso 3 controles: *Taxa de abertura à variação*, *Taxa de Uso* e *Taxa de acerto*.

O primeiro controle permite verificar o quanto uma dada palavra realizada com grafema etimológico coexiste em variação com a mesma palavra escrita sem os caracteres latinizados. Queremos dizer, por exemplo, que ao lado de palavras como <directa> com o caractere mudo <c>, há também a palavra <direta>, sem a presença do caractere mudo. A existência das duas formas representa a variação do sistema gráfico. Podemos verificar com esse controle em que medida a grafia portuguesa utiliza mais de um sistema gráfico, como resultado da coexistência de normas. Conforme Lima (2014, p. 295), a referência para o estabelecimento da *taxa de abertura à variação* para as seções estudadas, quer dizer, os 100% de dados para a regra de três simples, é a soma de palavras com grafemas etimológicos e seus pares sem grafemas etimológicos.

O segundo controle, *taxa de uso*, permite-nos constatar em que medida se dá a inserção da grafia etimológica na prática gráfica oitocentista, ao identificar a quantidade de palavras com grafia etimológica em relação ao total de palavras dos *corpora*. Complementar a isso, o terceiro controle, *taxa de acerto*, permite-nos saber se as palavras praticadas com grafemas etimológicos têm realmente como referencial um significante da escrita clássica. Com isso, não só identificamos a inserção desse *princípio* como também sua consistência:

| Controle | Taxa de abertura à Variação | Taxa de Uso | Taxa de Acerto |
|----------|-----------------------------|-------------|----------------|
| Folhetim | 0,51% | 41,35% | 90,60% |
| Notícia | 1,56% | 17,96% | 94,78% |

Tabela 5. Inserção do grafema <ll>.

⁹ São unidades gráficas mínimas e polivalentes, formadas por um caractere (simples) ou mais caracteres (complexas) que agregam valor etimológico à palavra que formam. Podemos citar, por exemplo, os grafemas etimológicos <ll> de <allegar>, <ph> de <pharmacia>, ou ainda <ct> de <facto>.

As normas de cada seção aproximam-se em termos de consistência de uso, ao se espelhar com propriedade na forma clássica (*Taxa de Acerto*). Comparadas as *taxas de acerto* dessas seções às dos manuscritos de redatores com perfis definidos como eruditos (BARBOSA, 2013), verifica-se que as realizações das duas seções são modelares. No entanto, o *folhetim* faz mais uso dessa norma que a *notícia*. Já na *notícia*, as palavras com grafemas <ll> abrem-se mais à variação com uma forma simples <l> do que no *folhetim*. Isso significa que mesmo sendo um parâmetro de erudição em função da consistência (acerto), os padrões variam em termos de uso e de variação.

Cabe ainda destacar que há casos de exclusividade de grafemas nas seções. Os grafemas <bd> e <cd>, presentes nas palavras <subdito> e <anecdota>, por exemplo, são exclusivos da *notícia*. São pouco frequentes, mas 100% fundamentados etimologicamente. Da mesma forma, são exclusivos da *notícia* os grafemas <rrh>, <cqu> e <sch> (<diarrhéa>, <acquiencia> e <schirrose>, por exemplo). Esses grafemas são pouco usados, sempre espelham o significante clássico e mais abertos a aceitar no uso culto dos jornais a forma significante não latinizada. Já o grafema <bt> (presente na palavra <subtileza>) é exclusivo do *folhetim*. É pouco frequente, mas tem 100% de fundamentação etimológica. Esses casos de exclusividade exemplificam a complexidade existente na mesma página do periódico.

Apesar de a grafia ser um fenômeno da superfície textual, o que nos permitiria supor que toda mancha gráfica do jornal é composta por um indivíduo, os resultados sugerem que nem mesmo no plano gráfico existe a uniformidade de normas na segunda metade do século XIX. Portanto, todas as afirmações feitas a partir desse tipo de *corpora* deve considerar a pluralidade de normas.

Considerações finais

Procuramos ao longo deste artigo apontar as decisões metodológicas que encaminham a construção de *corpora* representativos para o estudo da norma gráfica objetiva. A análise no plano gráfico dos periódicos exemplifica a dupla função que os estudos da língua possuem: descrever um fenômeno linguístico e, por esse fenômeno, compreender a complexidade dos textos que trabalhamos. Essa última função, tão filológica quanto à primeira, tem sido amplamente praticada, mas nem sempre associada ao trabalho da *Crítica Textual*. Ao ilustrar a prática, mostramos a relevância da história do próprio texto para que se possa, mesmo indiretamente, fazer emergir a história da Língua.

Por fim, ressaltamos que a descrição dos folhetins e das notícias, tanto do jornal brasileiro quanto dos jornais portugueses, ainda destaca a sua importância histórica. Temas como as classes sociais, a guerra no Paraguai, a guerra no Oriente, o teatro, o impacto da implantação da linha férrea, demonstram que esse material presta-se não apenas ao trabalho linguístico, mas a qualquer trabalho que investigue a organização da sociedade, uma vez que registra os principais acontecimentos aos olhos coetâneos de seus cronistas e redatores.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Afranio Gonçalves. Novos *corpora* para estudos diafásicos: cartas pessoais e cartas publicadas em jornais do séc. XIX. In: LOPES, Célia; REICH, Uli (org.) *Neue Romania: variação linguística em megalópoles latino-americanas*. Berlim: Lincom Europa. Nº 39, 2009.

_____. *Linguística de corpus: metodologias para a História do Português brasileiro*. IX Seminário Nacional do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). Maceió: UFAL/FALE/PGLL, Outubro, 2013.

_____; LIMA, Alexandre Xavier Lima. O controle indireto de perfis sócio-históricos em *corpora* histórico-diacrônicos: a identificação de graus de letramento pela grafia etimológica no século XIX. In: CASTILHO, Ataliba de (ed.). *História do Português Brasileiro*. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2016. (no prelo)

BARBOSA LEÃO, José. *Coleção de estudos e documentos a favor da reforma da ortografia em sentido sônico*. [s/l], 1878.

BOSCOLI, José Ventura. *Grammatica Portugueza: Estudo Racionado segundo os princípios Hodiernos da sciencia da linguagem*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPBELL, Lyle. *Philology: The Role of Written Records in: Historical Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 2004.

KEMMLER, Rolf. Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911. *Lusorama: Revista de Estudos sobre os Países de Língua Portuguesa*. Portugal: Instituto Camões, n. 47-48, p. 130-319, Out., 2001.

LEMOS, Miguel. *Ortografia Positiva: Nôta Avulsa à tradussão do Catessismo Positivista de Augusto Comte*. Rio de Janeiro: Typ. Central de Evaristo R. da Costa, 1888.

LIMA, Alexandre Xavier. *Crítica Textual e Corpora para a Linguística Histórica: Padrões Ortográficos Oitocentistas em Folhetins (crônicas) e França Junior*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

_____. *Descrição da ortografia portuguesa: a inserção do princípio etimológico na prescrição e na prática gráficas oitocentistas*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

_____. Difusão de textos literários em jornais oitocentistas: os folhetins de França Junior. *Revista da ABRALIN*, vol. I [temático sobre Filologia e Crítica Textual], n. 15 (3), Dezembro, 2016. (no prelo)

NADAF, Yasmim Jamil. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica Portugueza*. São Paulo: Teixeira & irmãos editores, 1881.

SILVA, Maurício (org.). *Ortografia da língua portuguesa: história, discurso e representações*. São Paulo: Contexto, 2009.

VIANA, Aniceto R. Gonçalves. *Ortografia Nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, 1904.